

# Programas geram instabilidade

A violação dos direitos humanos é a consequência mais visível do pouco seletivo auxílio militar americano, mas não a única. Em alguns casos, esse tipo de programa desestabiliza a situação política de um país ou de uma região. A Indonésia é um bom exemplo, aponta a analista Lora Lumpe

“Esses programas podem ser um fator de instabilidade. Na Indonésia, por exemplo, a ajuda militar está abrindo um fosso cada vez maior entre os militares do país e o resto do governo”, afirma ela.

O Programa Internacional de Treinamento e Educação Militar, apenas um entre muitos do Departamento de Estado, destina todo ano US\$ 400 milhões para diversas entidades indonésias. Os militares, contudo, ficam com a maior fatia. Isso seria um problema em qualquer lugar, mas na Indonésia, por razões históricas, o efeito é muito pior.

O país passou 30 anos sob a ditadura militar do general Suharto e ainda não conseguiu se livrar de muitas das estruturas montadas por ele. Abdur-

rahman Wahid, primeiro presidente eleito da Indonésia, foi praticamente derrubado no ano passado graças à pressão dos militares. Sua vice, Megawati Sukarnoputri, não tem conseguido mostrar pulso suficiente para dar ordens às Forças Armadas. Washington, contudo, manteve o nível de ajuda aos militares, atenta às movimentações dos radicais islâmicos do país.

Há outros exemplos: nas Filipinas, a presença de forças americanas treinando o Exército local para a luta contra o inimigo

islâmico gera crescente animosidade; na África, os EUA treinam soldados tanto da Eritreia quanto da Etiópia, países fronteiriços em constante atrito.

Embora em geral a doutrina americana seja a de manter o *status quo*, como é feito no Egito, na Arábia Saudita, no Uzbequistão e em outros países, cresce o número de analistas que prevêem que, um dia, a demanda reprimida por mudanças encontrará um caminho para se manifestar. Um caminho que não será necessariamente pacífico. (D.M.)